

MODERAÇÃO E UTOPISMO

Paulo Ferreira da Cunha¹

Resumo:

Perante os sinais de alarme dos tempos que passam, alguns aparentemente inéditos, outros de uma grandeza inusitada, a tendência de muitos é crer que apenas grandes remédios atalhariam grandes males – conforme o dito proverbial. A questão está em saber o que sejam grandes remédios. Remédios revolucionários e utopias, violentos e insurreccionais, que pusessem em causa as bases das nossas sociedades e dos nossos Estados de Direito democráticos seriam deitar achas para a fogueira. Pelo contrário, entende-se que as soluções terão que ser sutis, inteligentes, ponderadas e moderadas. Não utópicas, mas de utopismo ou princípio esperança.

No presente artigo, avançam-se tópicos muito elementares para ir semeando resistência à vaga de abismo e desespero. Passam por atitudes pessoais, que logo se tornariam grupais. Passam por cuidar cada um do que pensa e sente, logo desaguando num cuidado com a linguagem pessoal e imediatamente grupal. Como nas estórias de duendes, é preciso cuidado com o que se deseja, e com a formulação verbal do desejo.

Palavras-chave:

Utopia, utopismo, princípio esperança, moderação, ponderação palavra, linguagem, virtudes

Abstract:

Faced with the warning signs of passing times, some apparently unprecedented, others of unusual magnitude, the tendency of many is to believe that only great medicines would stop great evils – as the proverbial saying states. The question is what the great solutions are. Remedies for revolutionary societies and utopias, violent and insurrectionary, that would call into question the foundations of our rule of law societies, would be adding fuel to the fire. On the contrary, it is understood that solutions will have to be subtle, intelligent, considered and moderate. Not utopian, but of utopianism or “principle of hope”.

In this article, we discuss very basic topics to sow resistance to the wave of abyss and despair. They go through personal attitudes, which soon become group attitudes. They involve each person taking care of what they think and feel, soon leading to care for personal and immediately group language. As in elf stories, one must be careful with what one desires, and with the verbal formulation of the desire.

Keywords:

Utopia, utopianism, hope principle, moderation, word weighting, language, virtues

Mehr Licht!

Goethe

¹ Juiz Conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça. Professor Catedrático da Faculdade de Direito da Universidade do Porto (funções suspensas para o exercício da magistratura).

É surpreendente para um observador desapaixonado como se foram criando associações e dissociações, amizades e inimizades entre conceitos, atitudes, princípios, valores, modos, formas, estilos. A massa de preconceitos que é placidamente transmitida, mesmo em meios letrados, seria surpreendente se todos mais ou menos não comungássemos desses antolhos. Uma das oposições consabidas, e, todavia, falsas, é a que opõe utopismo a moderação. Em parte, tal ocorre porque se confunde utopismo com utopia.

Vejamos. Não há incompatibilidade entre o utopismo (ou princípio esperança²), e a moderação. A utopia, essa, pode ser excessivamente extremista, porque é um exercício “constituente” de criação mental (e eventualmente real) de uma cidade ideal³ inteira e armada, como Athena da cabeça de Zeus.

Por seu turno, o utopismo, mais modesto (e certamente mais eficaz, furtando-se às armadilhas do maximalismo), é pontual e “meliorista” ou reformista (embora esse reformismo possa até ter virtualidades que, num certo sentido, se poderiam dizer “revolucionárias”, sobretudo enquanto metanoias culturais⁴). Por isso, tudo começa por encarar as mudanças necessárias e as imprescindíveis conservações com um olhar lavado e tranquilo, objetivo e sonhador. O utopismo é o vetor de pensamento e discurso que se propõe criar, não propriamente heterotopias, mas, ao menos, bolsas de heterotopia, ou seja, espaços diferentes reais, e não sonhados ou plasmados apenas no papel. Numa palavra, o utopismo, força heteroutópica, é não uma engenharia social, mas um contributo de mudança e criação sociais, ao mesmo tempo sociedades reais e de rosto humano⁵.

Olhar, pois, a realidade, que é mais que o próprio Mundo, não com um olhar envenenado do preconceito da suspeita, eivado de imaginário aroma do mal; nem, em contrapartida e simetricamente, com aquela ingenuíssima candura que não sabe descortinar a mais leve sombra num dia já de si cendrado. São extremos ambos, a nosso

² BLOCH, Ernst — *Das Prinzip Hoffnung*, Frankfurt, Suhrkamp, 1959, trad. cast. de Felipe González Vicen, *El Principio esperanza*, Madrid, Aguilar, 1979, III vols., trad. fr. de Françoise Wuilmart, *Le Principe espérance*, Paris, Gallimard, 1976, reimp. 1991. E a nossa segunda tese de doutoramento, na Universidade de Coimbra, *Constituição, Direito e Utopia, Do Jurídico-Constitucional nas Utopias Políticas*, Coimbra, Faculdade de Direito de Coimbra, Studia Iuridica, Coimbra Editora, 1996.

³ MUCCHIELLI, Roger — *Le Mythe de la cité idéale*, Brionne, Gérard Monfort, 1960, reimp. Paris, P.U.F., 1980.

⁴ V. o sentido de COTTA, Sergio — *I diritti dell'uomo: una rivoluzione culturale*, in "Persona y Derecho", n.º 22, 1990, p.13 ss..

⁵ Cf. FOUCAULT, Michel — *Les Utopies réelles ou lieux et autres lieux*, 1966, in *Oeuvres*, publicação sob a direção de Frédéric Gros, Biblioteca da Pléiade, Paris, Gallimard, 2015, vol. II, p. 1238 ss..

ver, votados ao erro e, por tal, de imediatamente proscrever – com equilíbrio, mas com veemência.

Não podemos deixar de exercer a radicalidade do pensamento, levando até longe a interrogação: afinal, quem decretou (sem apelo nem agravo) que o correto, e sobretudo o real, o verdadeiro, é apenas representado pelo *juste milieu*, “nem-nemismo” bartheano das *Mitologias*⁶, na sua versão evidentemente burguesa, “mesotes”⁷ helénico aristotélico, na sua versão clássica, fonte de todas as grandes prudências futuras, como a cristã, nomeadamente com Tomás de Aquino⁸? Por que motivo não há de ter pleníssima e profunda razão um radicalismo qualquer?

Paul Valéry, sendo amigo dos moderados, reconhecia que os extremistas valeriam mais: “Le monde ne vaut que par les extrêmes et ne dure que par les moyens. Il ne vaut que par les ultras et ne dure que par les modérés”⁹. Talvez pela sua autenticidade e recorte mais claro de ideias e sentimentos.

Mas o que é ser radical hoje, pode não o ser já amanhã. Lembremo-nos de que a tríade para alguns dita “da suspeita” (Marx, Nietzsche, Freud – alvo aliás de conhecida e muito comentada conferência de Michel Foucault¹⁰) já foi em grande medida “recuperada” por muita banalização e “establishment” cultural. Um dia, será certamente a vez das demolições hodiernas pela banda do politicamente correto, do pensamento e ativismo *woke* e correlativos, que tanto nos fazem tremer nas nossas certezas particulares e coletivas.

Estas linhas de desdramatização, porém, não são uniformemente tranquilizadoras, ou seja, a integração dos três referidos autores numa espécie de “cânone” ainda burguês é ambígua e ambivalente, com aspetos positivos e negativos. E certamente, com redobrado *pathos*, ocorrerá semelhante situação na normalização dos radicalismos civilizacionais. Tudo tem que ficar, por ora, nas brumas da generalidade, por não possuímos bola de cristal perscrutadora, e apenas usarmos uma intuição feita de presunções hipotéticas. O que é muito revolucionário tende a ser assimilado, por um

⁶ BARTHES, Roland — *Mythologies*, Paris, Seuil, 1957, ed. port. com trad. e Prefácio de José Augusto Seabra, *Mitologias*, Lisboa, Edições 70, 1978.

⁷ ARISTÓTELES — *Ética a Nicómaco*, por exemplo, na versão francesa ARISTOTE — *Ethique à Nicomaque*, tr. fr., 6.ª tiragem, Paris, Vrin, 1987. ILIOPOULOS, Giorgios — *Mesotes und Erfahrung in der Aristotelischen Ethik*, in □□□□□□□□□□ n.º 33, Atenas, 2003, p. 194 ss..

⁸ AQUINO, Tomás de — *In decem libros ethicorum Aristotelis ad Nicomachum expositio*, trad. cast. de Ana Mallea, estudo preliminar e notas de Celina A. Lértora Mendoza, *Comentário a la Ética a Nicómaco de Aristóteles*, Pamplona, EUNSA, 2000

⁹ VALÉRY, Paul — *Tel Quel*, vol. I, Paris, Gallimard, 1941, p. 192.

¹⁰ Cf. FOUCAULT, Michel — *Nietzsche. Freud. Marx*, “Cahiers de Rouaumoni”, t. V., Paris, Ed. de Minut. 1967.

lado, ou desacreditado, por outro, e a sentença de que está velho é implacável. Aliás, de modo simétrico ao labéu de simples novidade ou moda.

Tudo ponderado, e sabendo que a tendência histórica é para a erosão da radicalidade e o aproveitamento ou recuperação dos extremos (aparentemente, uma das proclamadas razões da recusa em receber o Prémio Nobel da Literatura por Jean-Paul Sartre), talvez seja ainda de insistir na excelência da prudência, da moderação, do compromisso (obviamente com linhas vermelhas claras: quando se revela possível, não absurdo, não ferindo valores essencialíssimos, não traindo grandes princípios de forma durável e essencial – por exemplo).

Essa atitude de moderação e compromisso pode ser ontologicamente insuficiente, mas afigura-se-nos eticamente louvável, desde logo fundada na teoria aristotélica da virtude como meio termo entre exageros, que são vícios. Estaremos assim perante uma ética não maniqueísta dualista, contrastando apenas e radicalmente o Bem e o Mal, mas, diferentemente, uma relação triádica, em que dois extremos simétricos (afinal, dialeticamente, tese e antítese) são suscetíveis de, ao centro, na confluência dialogada e não no irreduzível agonismo, encontrar uma superação pela síntese. Boa dialética, de entre tantas¹¹.

Podemos teoricamente admitir a validade de grandes exageros, e ficar fascinados com as observações de Valéry (ou considerações afins) sobre a grandeza destes. Porém, quando chega o momento, normalmente à tardinha da Razão (decerto não ainda ao verdadeiro e próprio anoitecer hegeliano, quando levanta voo a coruja de Minerva), caímos em nós e damos connosco a suspirar pela grande tranquilidade do não exagero. O qual, aliás, acaba por ser um luzeiro perante trevas de vários e descontraídos sinais.

Grande parte dos problemas do Mundo se resolveriam com a assunção de um posicionamento moderado, não demissionário e laxista, mas lúcido, presente e ativo. Desde logo, pondo fim às enormes e tóxicas perdas de tempo e corrupção da alma que são a maledicência, a intriga e a querela *lato sensu* qualificável como “política” (de

¹¹ POULANTZAS, Nicos — *Nature des choses et droit, essai sur une dialectique du fait et de la valeur*, LGDJ, Paris, 1965; ADORNO, Theodor W. / HORKHEIMER, Max — *Dialektik der Aufklärung — Philosophische Fragmente*, Francoforte, Fischer, 1969, trad. port. de Guido Antonio de Almeida, *Dialética do Esclarecimento. Fragmentos filosóficos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985; MARC, Alexandre — *De la méthodologie à la dialectique*, Paris, Presses D'Europe, 1970; JAY, Martin — *The dialectical imagination. A history of the Frankfurt School and the Institut of Social Research, 1923-1950*, Boston, Brown, 1973; “Archives de Philosophie du Droit”, *Dialogue, dialectique en philosophie et en droit*, t. XXIX, Paris, Sirey, 1984. Para o Direito, o nosso *La dialectique, méthode du juriste*, in “Les Visages de la Loi”, org. de Catherine Samet et Stamatios Tzitzis, Paris, L'Archer, diffusion P.U.F., 2000, pp. 113 ss.

índole política), simplesmente baseada no anedótico, no superficial, e no apelo às pulsões (desde logo de ódio) mais baixas das pessoas, designadamente, e sobretudo, quando vistas como potenciais eleitores. Se juntarmos todas essas entidades ou atitudes (estas podem simbolizar-se encarnando naquelas, num filme de terror, que é afinal o nosso quotidiano), teremos um panorama muito claro do preconceito, do erro (hoje agigantado nos erros anti-históricos, anticientíficos, antimédicos) e, numa palavra, uma panorâmica do obscurantismo. Um quase seu sinónimo é o mesquinho, ou a mesquinhez. A pequenez mental e moral. Brados e gesticulações, aparatosas encenações, uso da artilharia pesada do *marketing* e da comunicação em geral não atenuam, antes agravam, a deprimente imagem da pequenez do exagero, do preconceito, do ódio, do maniqueísmo. As crianças e os jovens deveriam ser ensinados a sentir desconfiança e até repugnância pelas manifestações desse primitivismo.

Não apenas na esfera pública esta panaceia (*proprio sensu?*) de cortar o inútil (*inutilia truncat*, mas agora num vasto sentido social e ético) seria eficaz. Bastaria um sério e alargado *self-restraint* dos grandes atores na *Ágora*. E talvez até que o seu exemplo pudesse frutificar, sendo imitados pelas pessoas comuns.

A prazo, as ideias coletivas de correção mínima identificar-se-iam com essa básica atenção para com os outros, com esse necessário respeito, e com uma economia de palavras, que seria também propriedade e real competência linguística. Assim, quando alguém pisasse o risco desta ética geral essencial (um pouco mais exigente que o mero mínimo denominador comum social que é o Direito: esse o mínimo dos mínimos da convivência coletiva – mas um direito depurado e rigorosamente a si limitado), logo os demais quiçá apenas tivessem que dizer, chamando-lhes à atenção: “pisou o risco”.

Obviamente que ignorariam o escândalo, os insultos, a ironia, o sarcasmo, as mentiras, as propagandas em torno das pessoas em causa, os decibéis mais altos no discurso. A estigmatização seria séria, objetiva, fria e neutral *q.b.*

Também na vida privada, e também nessa dimensão privada com algo de público que é a vivência no seio de organizações e empresas, além de na vida propriamente privada, com uma sociabilidade especial, que é a vida familiar, e finalmente na vida pessoal, individual, em todas as dimensões, mesmo nas mais íntimas (dir-se-ia que no próprio isolamento de um Robinson Crusó¹²) teriam a maior utilidade estas simples

¹² Além da obra de Daniel Defoe, veja-se TOURNIER, Michel T – *Vendredi ou les limbes du Pacifique*, Paris, Gallimard, 1967.

orientações de que falamos. Sendo cumpridas, como bola de neve viriam a engendrar um conjunto vasto de efeitos positivos.

Não seria impunemente, é óbvio, que se abdicaria desse lado sombrio, dessa irritação contagiante, desse mal-estar intrínseco que sempre faz apontar bodes expiatórios¹³ e afinal penar muito e muito fazer penar o próximo e por vezes até o distante. Admitamos que com quedas, altos e baixos, e alguma dificuldade, antes que o hábito se instale (recordemos que a virtude é um hábito, assim como o vício). Seria uma questão de experimentar, ainda que numa utopia-piloto...

Como se viveria uma paz criativa e feliz se a comunicação no trabalho e na vida quotidiana de lazer ou de atividade se limitassem ao estritamente necessário, por um lado, e ao puramente lúdico, e portanto “prazeroso” e cultural *lato sensu*, por outro.

Não é só na comunicação social que assistimos a muita vaidade e ostentação (que são em grande medida agressivos – não se fala de há séculos de “insulto à pobreza”?), a muita inveja, truculência, malquerença, e não só de candidatos ao poder e à sua manutenção. Ou então, façamos uma interpretação suficientemente extensiva do que é “poder”. A insensível avidez por fama, reputação, prestígio, bom nome e até afeto adicional exercem-se igualmente nas organizações privadas e mesmo nas famílias.

Basta retomar a velha literatura mais clássica (nem se fala nalguma da mais moderna, em que se exhibe por vezes despididamente o que se crê merecer recato, e se fazem claros ajustes de contas – da ficção ao memorialismo) para aí poder colher estórias mais ou menos tenebrosas, segredos e mentiras familiares, hipocrisias, lutas acérrimas pelo poder. E em muitos casos esta luta é pintada com todas as carregadas e misteriosas tintas dessa pulsão humana, em grande medida dita também demoníaca¹⁴, o Poder¹⁵. Haveria que pensá-lo mais, e mais ainda do ponto de vista psicológico,

¹³ GIRARD, René — *Le Bouc Emissaire*, Paris, Grasset, 1982.

¹⁴ RITTER, Gerhard — *Die Daemonie der Macht*, Munique, R. Oldenbourg, 1948.

¹⁵ Além do clássico JOUVENEL, Bertrand de — *Du Pouvoir. Histoire naturelle de sa croissance*, nova ed., Paris, Hachette, 1972-1977, múltiplas obras de diferentes ângulos podem contribuir para esclarecer o problema. De entre multidão, ANDRÉ, João Maria — *Renascimento e Modernidade. Do poder da magia à magia do poder*, Coimbra, Minerva, 1987; AURÉLIO, Diogo Pires — *Imaginação e Poder. Estudos sobre a Filosofia Política de Espinosa*, Lisboa, Colibri, 2000; BALANDIER, Georges — *Le pouvoir sur Scènes*, Paris, Balland, 1980, trad. bras. de Luiz Tupy Caldas de Moura, *O Poder em Cena*, Brasília, Editora Univ. de Brasília, com o apoio da Fundação Roberto Marinho, 1982; BOURDIEU, Pierre — *O Poder simbólico*, trad. port. de Fernando Tomaz, Lisboa, Difel, 1989; FOUCAULT, Michel — *Microfísica do Poder*, antologia com org., introd. e trad. de Roberto Machado, Rio De Janeiro, Graal, 1979; FRIEDMANN, Georges — *O Poder e a sabedoria*, trad. port. de Manuel Dias Duarte, Lx.^a, Dom Quixote, 1972; MARTINS, Afonso D'Oliveira — *Sobre o Conceito de Poder*, in "Estado & Direito", n.º 4, 2.º sem., Lx.^a, 1989, p. 47 ss.; SANTOS, António Pedro Ribeiro dos — *A Imagem do Poder no Constitucionalismo Português*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 1990; VEYNE, P. et alii — *Sur l'Individu*, Paris, Seuil, 1987, trad. port. de Isabel Dias Braga, *Indivíduo e Poder*, Lisboa,

psiquiátrico e da Eudemonia que da sua simples fisiologia sociológica ou politológica, embora esses contributos sejam indispensáveis para o pensar, repensar e reequacionar e à nossa relação com ele.

Sem querer procurar, vem-nos imediatamente à memória a saga de opressão infantil na obra de Hervé Bazin¹⁶, ou mesmo o braço de ferro familiar no início do *Mistério dos Frontenac* de François Mauriac¹⁷.

Não é fátuo, não é vão, o dito muito popularizado segundo o qual a reforma mais profunda da Humanidade (ou da sociedade) deve começar pela própria pessoa. Não sabemos (temos algumas dúvidas, confessamo-lo) se simplesmente pelo ritual matinal quotidiano de *fazer a própria cama* (*proprio sensu*, e não em sentido figurado). Parece-nos uma receita eloquente, sem dúvida (se vista metaforicamente, o que não parece ser o caso), mas um tanto simplista. Certamente que alguns canalhas aplicaram e aplicam o preceito, sem deixar de o ser. Aliás, e alargando um pouco a questão, estamos em crer que razão tinha Agustina Bessa Luís, ao considerar que “não há acções canalhas mas almas canalhas. A mesma acção vivida por almas diferentes não é a mesma acção”¹⁸.

O *bullying* e a violência doméstica começam a ser mais conhecidos¹⁹. Também, por exemplo, algo que era desconhecido do grande público e ainda a alguns (como nós) parece inacreditável: a violência no namoro. Mas não só. Adorno falava no abaixamento do nível numa conversa grupal, sempre, irremediavelmente, aferindo-se a sua estabilidade pela do menos qualificado, interessante, eloquente (?) dos conversadores²⁰.

E nos diálogos a dois? Cremos dever enquadrar a questão. Sem dúvida que há um diálogo geral, ou uma espécie de “magno guião virtual” (encontrável por comparação e generalização) do “diálogo” *tout court*, o qual os singulares e pontuais

Edições 70, 1987; ALAIN — *Propos sur les Pouvoirs. Éléments d'Étique Politique*, ed. de Paris, Gallimard, 1985 ; STAROBINSKI, Jean — *Pouvoir et Lumières dans 'La Flûte enchantée'*, in “Dix-Huitième Siècle”. Numero especial: “Qu'est-ce que les lumières ?”, n.º 10, Paris, Garnier, 1978, pp. 435-449; LOEWENSTEIN, Karl — *Political and the governmental process*, Chicago, University of Chicago Press, 1957, trad. cast.de Alfredo Gallego Anabitarte, *Teoría de la Constitución*, Barcelona, Ariel, 2.ª ed., 3.ª reed., 1983 ; O'BRIEN, David M. — *Constitutional Law and Politics: Struggles for Power and Governmental Accountability*, 4.ª ed., Nova Iorque, W. W. Norton, 2000; MATTEUCI, Nicola — *Organizzazione del Potere e Libertà. Storia del Costituzionalismo moderno*, UTET, 1988, trad. cast. de Francisco Javier Ansuátegui Roig / Manuel Martínez Neira, *Organización del Poder y Libertad. Historia del Constitucionalismo Moderno*, Apresentação de Bartolomé Clavero, Madrid, Trotta, 1998; COTTA, Sergio — *Il giurista di fronte al potere*, in “Rivista Internazionale de Filosofia del Diritto”, 1966, 37.

¹⁶ Nomeadamente (mas na verdade toda a trilogia em que se insere), BAZIN, Hervé — *La mort du petit cheval*, Paris, Grasset, 1950, trad. port., *A Morte do Cavalinho*, Lisboa, Editores Associados, s.d..

¹⁷ MAURIAC, François — *Le Mystère Frontenac*, Paris, Le Livre de Poche, 1972.

¹⁸ BESSA LUÍS, Agustina — *Os Amantes Aprovados*, in *A Brusca*, Lisboa, Verbo, 1971, p. 99.

¹⁹ Cf., v.g., o nosso livro *Estudos Penais*, Coimbra, Gestlegal, p. 35 ss..

²⁰ ADORNO, Th. W. — *Minima Moralia. Reflexionen aus dem beschaedigten Leben*, Berlim / Francoforte, Suhrkamp, ed. 2001 (1.ª ed.1951), aforismo 118, pp. 347-34.

diálogos acabam por mimetizar, ou, se preferirmos, por espelhar mais ou menos “naturalmente”. Vão-se ouvindo cada vez mais conversas que o não são, afinal. Fala-se muito alto (do mesmo modo que se anda nas ruas de forma errática, e se conduz vertiginosamente). Não há como deixar de as escutar, em lugares públicos e até mesmo através das paredes, que muitas delas tais vozeirões transpõem facilmente, em muitos casos importunando os vizinhos de casa ou de hotel, por exemplo.

Um grande *déficit*, pois, de conversa significativa e colaborativa, solidária, fraternal... ou meramente construtiva.

Quando, por milagre, alguém tem uma conversa que não seja a banalidade descritiva de ocorrências (quantas vezes em narrativa minuciosa, de aborrecer de morte o interlocutor que não seja um maníaco de curiosidades microscópicas), normalmente desagradáveis (ou então de autopromoção), ou a intriga, sentimo-nos transportados ao sétimo céu. E estranhamos muito.

Poderíamos começar por ter mais cautela com o que dizemos. Esoterismos fanéricos (passe a contradição, mas logo se entenderá do que se trata) dizem que *a palavra tem poder*. Confúcio tinha razão considerando que o primeiro empreendimento de reforma política seria uma espécie de higiene da palavra: retificar a linguagem deveria ser o grande lema²¹.

Se é verdade que os tempos democráticos soltaram a língua a muitos e nos tornaram certamente a todos (ou quase) muito mais desenvolto na expressão oral (na escrita, infelizmente, cada vez mais se acumulam erros e incapacidade de dominar as técnicas elementares, outrora ensinadas e aprendidas nos primeiros anos do ensino elementar, básico ou primário), verdade é que se fala de forma excessivamente desprevenida, e até muito catártica. Fala-se em geral excessivamente e diz-se verdadeiramente pouco. E pouco de verdadeiramente interessante e construtivo.

Gabriel de Tarde fornece-nos a chave do problema no seu estádio mediano (*in medias res*): somos animais imitativos²². Quebrar essa corrente mimética é difícil, e quem se atreva a não seguir a massa, naturalmente arca com consequências funestas (uns mais, outros menos, mas quase sempre). Há exceções? Sim. Nalguns casos, pelo contrário, quem se afasta do seguidismo adquire fama e estatuto especiais, mas até que

²¹ CONFUCIUS — *Entretiens de...*, trad. do chinês de Anne Cheng, Seuil, 1981, p. 102 (XIII, 3); CHENG, Anne — *Histoire de la Pensée Chinoise*, Paris, Seuil, 1997, pp. 82 ss.; LEYS, Simon (dossier coordenado por Minh Tran Huy) — *De -551 à Aujourd'hui. Confucius les voies de la sagesse*, in "Le Magazine Littéraire", novembro de 2009, n.º 491, p. 66.

²² DE TARDE, Gabriel — *Les Lois de l'imitation*, Paris, 1895, trad. port., *As Leis da Imitação*, Porto, Rés, s/d..

ponto compensará jogar nessa lotaria? E ocorre que muitos apostam numa diferença e individualidade puramente postizas, para *épater le bourgeois*. Não é marginal todo o que o parece ser.

O trabalho de mudança de linguagem, das conversas, e, a montante do falar, a alteração significativa das preocupações das gentes, é obra de verdadeira e nobre Pedagogia, sendo dever de todos e de cada um.

Sobretudo parecem de louvar as atitudes de quantos, ao contrário da docilidade conformista geral, manifestam a sua individualidade e discordância das “conversas moles” ou “para boi dormir”, em que tanto tempo, energia, e alma se perde. E se vai escorrendo a vida. Porque se perde alma e a existência nesse esvair-se em banalidade e superficialidade. Mais ainda caso para louvar os que (dir-se-ia obstinadamente) se alheiam e se insurgem com as conversas de pura “má língua”. Deve dizer-se que, por vezes, é deveras heroica a fuga a certos enleios coloquiais.

Os que fogem a todos esses cantos de sereia são casos mais ou menos isolados. Mas também poderiam vir a ser alvo de imitação...

Não pode deixar de reconhecer-se, todavia, até por experiência própria, que a contemporaneidade, com todas as suas deprimentes realidades e perspectivas ameaçadoras, contém no seu seio um sem-número de aspetos ou facetas muito promissoras e inegavelmente positivas.

George Steiner observou que temos muito mais imaginação para a efabulação e conseqüente descrição dos infernos que dos céus²³. Também aqui quaisquer exemplos se revelariam inevitavelmente frouxos. Mas cada um sabe que há coisas, situações, momentos, e até instituições excelentes, que se devem louvar, exaltar, preservar e acarinhar. Esse é também um vetor de luta contra as nuvens pesadas e sombrias que em grande medida intelectualmente sobre nós ameaçam abater-se.

Escrevamos numa lista as vinte (dez chegam, talvez até menos...) coisas boas de que gostamos, retomando o exemplo de Mary Poppins²⁴. Cada um de nós o pode fazer

²³ STEINER, George — *In Bluebeard's Castle (Some notes towards the redefinition of Culture)*, trad. port. de Miguel Serras Pereira, *No Castelo do Barba Azul. Algumas notas para a redefinição da Cultura*, Lisboa, Relógio D'Água, 1992.

²⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=bACiODIbf84>

“Music video by Julie Andrews performing My Favorite Things (Audio). (C) 2015 Sony Music Entertainment”. Sobre a personagem e as suas virtualidades pedagógicas, cf. TRAVERS, P. L. — *Mary Poppins, edição comentada e ilustrada*, trad. do texto de Rodrigo Lacerda, tradução, apresentação e notas de Joca Reiners Terron, ilustrações de Mary Shepard, Rio de Janeiro, Zahar, 2017; DISNEY, Walt — *Mary Poppins. Segundo o romance de P. L. Travers, na adaptação de Mary Carey*, trad. port. de Maria Selene Santos, Lisboa, Verbo, s.d. (post-1964).

facilmente. E mais: são coisas que existem, ou já conosco, ou como atingível objetivo. Há desejos lunáticos (pedir ou desejar a Lua é um tópico de sempre), mas, bem vistas as coisas, o que mais queremos está, frequentemente e para muitos, a um passo de distância.

Cada um, pensando um pouco, não terá dificuldade em encontrar esses luzeiros de felicidade, presente ou futura. Mesmo que futura (e assim objetivamente incerta), é já um raio de sol nas nossas vidas.

O desespero, a não esperança até, é que são as doenças mortais (“doença até à morte”, como diria Kierkegaard²⁵). No fundo da caixa de Pandora ficou a Esperança. Será assim tão interessante e *chic* aborrecer o mundo e decretar o mal-estar inevitável, ontológico?

Abram-se de par em par as janelas e, dando ouvidos a Goethe, deixe-se entrar a Luz. “Mais Luz!” *Mehr Licht!* E mais ar também, para arejamento e respiração das ideias.

Recebido para publicação em 23-10-24; aceito em 05-11-24

²⁵ KIERKGAARD, Søren — *Sygdommen til Døden*, 1849, trad. port., *Desespero – A Doença Mortal*, Porto, Rés, 1986.